

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO EM CULTURA

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



O SUJEITO EM CRIAÇÃO: DO CRIAR E DO CONSTITUIR-SE¹.

Juliano Casimiro de Camargo Sampaio²

RESUMO

O presente artigo, a partir de diálogos com a *Teoria da Ação Simbólica* de Ernst Boesch e da *Hermenêutica da Obra de Arte* de Hans-Georg Gadamer, traz para o espaço das discussões sobre a formação artística a dimensão do desenvolvimento humano frente à Cultura e a partir das relações Eu/Outro/Mundo.

Palavras-chave: Ação Simbólica; *Self*; Criação; Estética; Desenvolvimento Humano.

RÉSUMÉ

L'article ci-dessous, à partir des dialogues tels que la *Théorie de l'Action Symbolique* de Ernst Boesch et de *l'Herméneutique de l'Oeuvre d'Art* de Hans-Georg Gadamer, apporte à l'espace des discussions sur la formation artistique la dimension du développement humain face à la Culture et à partir des relations Moi/l'Autre/le Monde.

Mots-Clés: Action symbolique; le "Moi"; Création; Esthétique; Développement Humain.

Nosso foco neste trabalho está em refletir sobre possíveis relações entre a formação artística (Sujeito-Criador) e o desenvolvimento do Sujeito em seu percurso cotidiano. Partimos do pressuposto de que quando um Sujeito se aproxima de uma linguagem artística e se dedica a um método/sistema de trabalho, ele está se

¹ Este artigo é parte de Tese de Doutorado do autor, em andamento, sob orientação da Profa. Associada Dra. Livia Mathias Simão, IP/USP; o autor conta com Bolsa de Doutorado do CNPq.

² Docente do curso de Licenciatura em Artes/Teatro – UFT. Juliano.casimiro@uft.edu.br. Pesquisador do Laboratório de Interação Verbal e Construção de Conhecimento – IP/USP. Juliano.casimiro@usp.br.

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO EM CULTURA

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



disponibilizando, ainda que inconscientemente, a um processo de formação pessoal que tem em seu cerne determinada concepção de Sujeito e de interação Eu/Outro/Mundo.

Assim, ele, o Sujeito, ao se disponibilizar a um processo artístico, responsabiliza-se não só pelo alargamento e reestruturação do conceito de criação artística ao qual ele se vincula, como também pelo conceito de Sujeito e interação no qual se alicerça a prática criativa da qual ele faz parte, na medida em que pode haver uma eventual reconstrução pessoal na/da relação Eu/Outro/Mundo.

Ou seja, acreditamos que esse percurso de correção não só altere os processos e procedimentos de criação do Sujeito/artista como também seu campo de ação simbólica sobre o mundo da vida cotidiana.

Há, por assim dizer, um aspecto bidirecional de influência e interferência entre a Cultura (da vida cotidiana) e a cultura da criação; não acreditamos, é claro, que ambas possuam o mesmo poder de influência mútua. Entretanto, pensamos que a prática artística, em diálogo inevitável com concepções que alicerçam a Cultura, regula, de certo modo, as manifestações do Sujeito no espaço do extra-ato-criativo, quando se pensa em dinâmicas de percepção e de simbolização. O que queremos dizer é que a prática artística se estrutura em algum nível sobre métodos e/ou sistemas de trabalho e que a estruturação dos métodos e sistemas, digamos, como cultura artística, não é alheia à Cultura na qual o Sujeito se constitui.

Assim, compreender os caminhos de desenvolvimento humano a partir de determinadas perspectivas nos conduz, segundo o que vimos expondo, a construir caminhos para se pensar a formação artística, já que a formação de um Sujeito-Criador não pode estar desvinculada de seus modos de existência no espaço da Cultura. Consideramos, portanto, o artista como um *Sujeito em desenvolvimento*, que constrói e

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO EM CULTURA

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



aprimora determinadas habilidades de fricção entre corpo (materialidade), espaço e tempo, em um jogo de simbolização e de percepção.

Sendo assim, achamos ajustado aproximar esta discussão da *Teoria da Ação Simbólica* de Ernest Boesch (1991), que, segundo Simão,

[...] busca responder a uma questão colocada pelas abordagens sociogenéticas da personalidade, qual seja, a de como o *self* pode ser entendido como um fenômeno cultural e, ao mesmo tempo, como ele contribui para a construção e reconstrução da cultura. (cf. Valsiner, 1998, 2007). Remete-nos, assim, à problemática de como o indivíduo se desenvolve como conhecedor de si, do mundo dos objetos e dos outros, pela sua ação, na cultura. (SIMÃO, 2010, p. 126).

Tal qual nossa suposição de que as práticas artísticas regulam a Cultura (do cotidiano), enquanto essa alicerça a construção daquela, também em Boesch, tanto a Cultura quanto a ação são concebidas como estruturas e processos, simultaneamente.

Em intenso diálogo com as ações empreendidas pelos Sujeitos sobre a Cultura, essa se manterá organizada segundo processos de auto-preservação, em que as regulações são possíveis e necessárias, mas sempre em um esforço de integração do não-familiar para que não se tenha riscos para a perpetuação da Cultura.

Para Boesch,

Cultura é um campo de ação, cujos conteúdos variam de objetos feitos e usados pelos seres humanos a instituições, ideias e mitos. Sendo um campo de ação, a cultura oferece possibilidades, mas na mesma mão estipula condições para a ação; ela circunscreve metas, que podem ser alcançadas por certos mitos, mas também estabelece limites para ações corretas, possíveis e, ainda, desviantes. As relações entre diferentes conteúdos tanto ideacionais como materiais do campo cultural de ação é uma relação sistêmica, isto é, transformações em uma parte do sistema podem ter impactos em qualquer outra parte. Como campo de ação, a cultura não só controla e induz a ação, mas é também continuamente transformada por ela; portanto, a cultura é tanto um processo como uma estrutura. (BOESCH, 1991, p. 29).

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO EM CULTURA

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



Ou seja, a Cultura, segundo a acepção de Boesch (cf. BOESCH, 1991; SIMÃO 2001, 2010), se por um lado oferece um campo de ação para o Sujeito, ela, ao mesmo tempo, estabelece tensões disparadoras de individualização por meio de regulações do si mesmo. Sendo para os artistas os métodos e sistemas de criação e os tratados sobre estética parte de uma estrutura de compartilhamento, esses terão, durante as ações simbólicas dos Sujeitos no ato criativo, suas fronteiras correguladas enquanto exigirão apropriação (aproximações e distanciamentos) por parte dos Sujeitos-Criadores. Nesse sentido, o trabalho com métodos, sistemas e tratados enquanto produtos ativos de uma dada Cultura são, pela bidirecionalidade da relação Sujeito/Cultura, (co)responsáveis pela constituição de um *self*/criador, que dialoga diretamente com um *self*/extra-criação.

Vale salientar que para Boesch (1991), como em Simão,

[...] nem sempre o sujeito está consciente das oportunidades e limites que a cultura lhe oferece para agir em um dado momento e que “parte do crescimento do indivíduo em sua cultura consiste precisamente em *descobrir* tais possibilidades desconhecidas – provavelmente sem nunca descobrir todas elas” (Boesch, 1991, p. 32). Portanto, o sujeito em Boesch é um indivíduo que cresce por descobrir as oportunidades e limites de ação que a cultura lhe oferece, utilizando posteriormente essas oportunidades para agir sobre a própria cultura, podendo reconstruí-la, isto é, criar novas possibilidades de ação para si e para o outro. (SIMÃO, 2011, p. 88).

Nesses termos, toda e qualquer experiência que o Sujeito venha a ter é sempre por meio de uma dinâmica acional (cf. BOESCH, 1991; SIMÃO, 2010), sendo o corpo a membrana que possibilita e estabelece limites para a relação Eu/Outro/Mundo, imprescindível a qualquer ato de criação. De onde, o corpo que supomos como membrana é no ato criativo, em especial das práticas como o teatro, a dança e a *performance*, um “Entre”, um acontecer em ação; corpo-interação. Partimos do pressuposto de que esse corpo-interação é corregulado enquanto estrutura física, mas

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO EM CULTURA

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



também enquanto estrutura interativa, a cada diálogo corpo/corpo, corpo/mundo, corpo/cultura, propiciado, no caso da criação, por escolhas estéticas, processuais e instrumentais.

Sendo assim, tomamos o corpo, enquanto corpo-interação, como parte de uma corporeidade apresentada em e presentadora de uma interação. Tendemos a conceber a ideia de que se não houver ações simbólicas, não haverá possibilidade de se ter o “Entre” em que um corpo pode ser reconhecido, quer seja pelo Sujeito da ação, quer seja por interlocutores/espectadores.

Ou seja, supomos um corpo como sistema, em que existe uma intensa relação entre “corpo-biológico” e “corpo-cultural” (cf. GREINER, 2005). Nesse sentido, é a dimensão biológica do corpo que estabelece um campo possível para sua atividade simbólica, enquanto essa regula, em partes, a constituição biológica do corpo, enquanto funções e estruturas, o que coloca a membrana mediadora em um intermitente processo de desconstrução e de reconstrução.

Para Boesch (1991), a constituição do *Self* se dá com a diferenciação entre o Eu e o Não-Eu, e essa só é possível nos processos interativos Eu/Mundo; diferenciação essa que perpassa, necessariamente, por desdobramento do que vimos elaborando, pela dimensão biológica do corpo. E, para nós, não é a interação em si que será capaz de construir “significação artística”, mas sim o que é inatingível plenamente pelas partes em interação; é o “Entre”. Ainda que seja a estrutura biológica que permita a interação, ao se supor a necessidade de escolha (que está diretamente implicada pelas experiências anteriores, ou seja, pelo passado), da emoção e da futuridade para a efetivação da ação, segundo Boesch, é a dimensão cultural do corpo que potencializa e faz a manutenção da interação.

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO EM CULTURA

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



Entretanto, no ato criativo, este corpo-interação, este “Entre”, que é a um só tempo a dimensão biológica e a cultural do corpo, é também, no nosso entender, algo para além dessas dimensões e é nessa perspectiva que reconhecemos a possibilidade de “significação artística”.

Simão, a partir de Boesch, possibilita a compreensão de que

[...] ao agir, o indivíduo experimenta subjetivamente o mundo, dando-lhe significado. Seu ambiente é, assim, o ambiente por ele percebido, pensado e sentido, isto é, em uma construção pessoal que, ao mesmo tempo em que ocorre no nível individual, vai sendo compartilhada e negociada com outros indivíduos, também construtores. (SIMÃO, 2010, p. 131-132).

Ao discutir a relação Sujeito-objeto em Boesch, relação esta que alicerça as escolhas nos processos de criação, Simão, afirma que

[...] o sujeito ator está continuamente agindo simbolicamente sobre objetos, e em havendo múltiplos atores sociais constante e simultaneamente agindo, cada ação do sujeito será uma ação sobre um objeto que já tem sua história cultural. Desde essa perspectiva, podemos dizer que o objeto também é ativo, pois ele nunca se oferecerá como uma tabula rasa à ação simbólica do sujeito. A cada ação, o sujeito estará, então, em uma nova ação de re-significar aquele objeto, que pode resistir ou acolher a tentativa do sujeito. (SIMÃO, 2010, p. 138).

Se a ação se direciona a um objeto, este objeto também será um dos produtores de um “Entre”, que não é em si o objeto enquanto tal, tampouco apenas a significação afetivo-cognitiva construída pelo Sujeito-da-interação; é algo que extravasa, quer seja o Sujeito, quer seja o objeto, e nesse sentido é que se torna capaz de adentrar a esfera da “significação artística.” Dessa perspectiva, nem só o corpo-em-interação, nem só o objeto em si, são capazes de se “constituírem” como produtos estéticos.

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO EM CULTURA

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



Para Boesch (1991) há quatro aspectos que caracterizam um objeto: a realidade material, a relação com outros objetos, suas qualidades enquanto signo e o objeto enquanto parte da relação Eu-Outro. (Cf. SIMÃO, 2001, 2010).

Para nós, tal como para Boesch, quando pensamos a relação de produção estética, caracterizar um objeto segundo os quatro aspectos anteriores não o torna artístico. Nesse sentido, a criação estética, o valor estético, estabelece-se justamente na relação qualitativamente diferente de outras relações Sujeito-objeto; ou seja, na criação de certa qualidade de “Entre”, nos termos que aqui apresentamos.

É claro que supomos que essa organização qualitativa da relação Sujeito-objeto depende da existência dos quatro aspectos descritos por Boesch, mas, reiteramos, essa organização precisa ser algo do “Entre”. Ela não se dá no Sujeito ou no objeto, mas na exata fricção entre as duas existências em um contexto sociocultural dado e sempre sob a percepção de um terceiro, o fruidor da obra. Ou seja, esta organização qualitativamente diferente da relação Sujeito-objeto implica em uma dinâmica fenomenológica que coloca o Sujeito, o objeto e o fruidor dentro de um mesmo espaço sociocultural.

Para Boesch, segundo Simão, nós

[...] vivenciamos claramente a distinção entre ação e objeto. E isto ocorre graças à nossa percepção de que nossas ações são originadas desde nós (correspondendo a um mundo interno), fazendo-nos agentes em um mundo externo a nós. Nossa percepção usual é, assim, de que os objetos sobre os quais agimos têm uma existência independente de nós. (SIMÃO, 2010, p. 136).

O “Entre” da significação artística, supomos, entretanto, disponibiliza para a percepção do espectador os corpos-interação e os objetos-interação em uma qualidade de relação que deverá parecer a única possível, a mais justa e surpreendente. E nesse

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO EM CULTURA

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



sentido, o objeto ganhará novas características que até então eram despercebidas, quer seja pelo Sujeito estrito da interação, quer seja pelo fruidor, considerado tanto em uma perspectiva de passividade como de coautoria da obra.

Ao contrário do que possa parecer, não supomos um “Entre” que seja rapidamente reconhecido como familiar na relação Sujeito-objeto. Esse “Entre”, “a quinta dimensão da caracterização do objeto”, como dito, será surpreendente e deverá, em algum sentido, desestabilizar os arranjos de significação afetivo-cognitiva sobre determinados objetos e experiências.

O que supomos aqui, é que este “Entre” que emerge da relação não é possível de ser captado pelo Sujeito-criador, todavia, poderá ser percebido e significado afetivo-cognitivamente no ato de fruir a obra. Se por um lado o Sujeito experimenta o mundo segundo aspectos objetivo/rationais e subjetivo/funcionais (cf. BOESCH, 1991; SIMÃO, 2010), nós supomos, segundo o que foi aqui apresentado, que o produto estético, fruto de interações Eu/Outro/Mundo, extravasa as duas dimensões e produz um “Entre” elas, que guardará os aspectos socioculturais da interação, bem como o aparato biológico, mas não se limitará a eles.

Entretanto, este “Entre”, que conjuga a um só instante, os aspectos biológicos, sociais e culturais dos Corpo-em-Interação, por lidar com a dimensão das expectativas (futuridade), representa, também, no mundo contemporâneo, o fracasso de um projeto. O que queremos dizer é que, se o Corpo-em-interação-criativa não depende exclusivamente de seu criador para significar artisticamente, ele pressupõe o não-cumprimento pleno das expectativas do Sujeito-Criador. E nesse sentido, o processo criativo se configura como um constante devir de trajetórias não realizadas, que pulsam e potencializam o instante, o aqui e agora, em que a festa artística acontece.

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO EM CULTURA

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



Tomemos, a partir de agora, reflexões de Hanz-George Gadamer (1900 - 2002) em sua *Hermenêutica da Obra de Arte*, para nos auxiliar no desenvolvimento do pensamento apresentado no parágrafo anterior. A escolha do hermeneuta se justifica quando pensamos com Simão que,

Em síntese, a relação sujeito-outro-cultura é uma relação em que sujeito e cultura não são estruturas processuais totalmente abertas ou totalmente fechadas, mas parcialmente e circunstancialmente abertas, uma às intervenções da outra, ao mesmo tempo em que conservadoras de si mesmas. É importante destacar que, dessa dinâmica entre transformação e manutenção, dependem as futuras relações entre as pessoas, entre cultura coletiva e cultura pessoal, nos termos de Valsiner. Estamos, pois, no âmbito da relação entre tradição, concepções e fusão de horizontes, nos termos da hermenêutica gadameriana. (SIMÃO, 2010, p. 222).

Ao tratar da criação artística, Gadamer descreve um processo que culmina na elaboração de algo que não é exatamente o algo desejado. Para o hermeneuta, esse algo-não-desejado, fruto do processo artístico, não deve ser considerado como obra, mas como constructo, que de uma forma incomum não revela seu percurso de construção. Todavia, ele, o constructo, não está alheio ao seu processo, mas por ser o outro daquilo que ocorre, não pode ter seu verdadeiro percurso, em sua totalidade, revelado; as potencialidades não cumpridas permanecem como forças ativas e mobilizadoras da criação, mas não se revelam explicitamente. E mais, é no contato com o fruidor que esse constructo poderá ser efetivamente elaborado. Sendo assim, o processo artístico está constantemente direcionado para aquilo que ele não é em si e se constrói sempre sob coautorias: artistas e fruidores, por exemplo.

Para Gadamer,

Parece pertencer muito mais à experiência da arte o fato de a obra de arte possuir sempre seu próprio presente, de ela só reter em si de maneira muito condicionada a sua origem histórica e de ser em particular expressão de uma

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO EM CULTURA

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



verdade que não coincide absolutamente com aquilo que o seu autor intelectual propriamente imaginou aí. Quer denominemos agora esse fato a criação inconsciente do gênio ou consideremos a partir do observador a inesgotabilidade conceitual de cada enunciado artístico – em todos os casos, a consciência estética pode se reportar ao fato de a obra de arte comunicar a si mesma. (GADAMER, 2010, p. 01).

É nesse sentido que acreditamos que o corpo, quando falamos das artes efêmeras como o teatro, a dança e a *performance*, são experiências interativas que comunicam a si mesmas como “arte”. Vale ressaltar que, mesmo não comunicando o projeto inicial do Sujeito-criador, o processo criativo não deixa de comunicar o seu criador em seus aspectos sociais e culturais, e também em seus aspectos biológicos, que, como dissemos, podem sofrer regulações.

A obra de arte, desde essa perspectiva, segundo Gadamer, por se constituir sob a falência do projeto inicial do artista e ao comunicar o Sujeito-da-criação, faz com que o Sujeito-criador se confronte consigo mesmo. Se considerarmos que para Boesch o *Self* se constrói na interação e na diferenciação e adotarmos a perspectiva gadameriana da experiência artística como um confronto consigo mesmo, compreenderemos o processo de formação artística como direcionado para a experiência do estranhamento. Nesse sentido, para Gadamer,

O jogo da arte é muito mais um espelho que sempre emerge novamente através dos milênios diante de nós, um espelho no qual olhamos para nós mesmos – com frequência de maneira por demais inesperada, com frequência de maneira por demais estranha – no qual olhamos como somos, como poderíamos ser, o que acontece conosco. (GADAMER, 2010, p. 56).

Talvez aqui precisemos retornar à ideia inicial deste artigo: ao escolher um caminho de produção estética, e não queremos dizer uma escolha plenamente

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO EM CULTURA

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



voluntária, o criador não só diz a si, como assume um modo, ainda que inconsciente, de relação Eu/Outro/Mundo; a partir de Gadamer, poderíamos dar um passo adiante e dizer que a formação artística é um espelho em que escolhemos nos olhar e assumimos o ônus implícito nesta ação.

As iniciativas de formação artística, pela perspectiva que vimos construindo, devem atentar, portanto, para o fato de que não se trata simplesmente de escolhas e/ou correntes estéticas, domínio de linguagens ou instrumentalização, trata-se da disponibilidade de Sujeitos para assumir uma perspectiva de interação com outros Sujeitos, com objetos e com a Cultura.

E ao se disponibilizar, o Sujeito, que estará se dizendo e se constituindo na experiência estética, a depender do trânsito da sua criação entre pares, fruidores, críticos etc., estará, ele mesmo, com suas ações simbólicas, reorganizando a Cultura sob a qual outras manifestações artísticas poderão se edificar.

A formação artística, portanto, como em Boesch, e considerando-se a relação estética direcionada ao estranhamento e à falência do projeto original, segundo a acepção gadameriana, deverá, nas palavras de Simão (2010, p. 221), considerar a cultura “como campo dinâmico e balizador de ações simbólicas, por um lado oportunizando-as, por outro interditando-as, havendo limites contextuais de tolerância do campo cultural tanto a transgressões, como a novidades.”

Parece-nos, assim, que uma questão se faz necessária a cada iniciativa de formação artística: *“Que interação de criação artística potencial e que resultados estéticos podem ser pressupostos a partir de determinadas formas de se compreender a constituição subjetiva e as interações Eu/Outro/Mundo?”*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO EM CULTURA

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



BOESCH, E. (1991). *Symbolic Action Theory and Cultural Psychology*. Springer-Verlag Berlin Heidelberg.

GADAMER, H. G. (2010). *Hermenêutica da Obra de Arte*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

GREINER, Christine. (2005). *O Corpo: Pistas para Estudos Indisciplinares*. São Paulo: Annablume.

SIMÃO, L. M. (2001). Boesch's Symbolic Action Theory in Interaction. *Culture & Psychology*, 7, 485-93.

_____ (2010). *Ensaio Dialógico: compartilhamento e diferença nas relações eu-outro*. São Paulo: Editora Hucitec.